

A PRÁTICA CULTURAL DO RAP DA PERIFERIA: ANÁLISE DOS SIGNOS IDEOLÓGICOS DO DISCURSO DE JOVENS MCS

THE CULTURAL PRACTICE OF THE RAP OF THE PERIPHERY: ANALYSIS OF THE IDEOLOGICAL SIGNS OF THE SPEECH OF YOUNG MCS

Tatiane Rodrigues da Silva 1
Claudiana Nogueira de Alencar 2

1 Possui graduação em Letras Português Licenciatura pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), Pós-graduação em Gestão Escolar Integrada e Práticas Pedagógicas pela Universidade Cândido Mendes (Unicamp) e Mestrado em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-graduação da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Foi bolsista CAPES do PIBID - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência nos anos de 2014 e 2015. Atualmente é professora da Prefeitura Municipal de Fortaleza, revisora voluntária do Projeto Letras Solidárias da Universidade Federal do Ceará (UFC) e membro do grupo de Pesquisa PragmaCult - Pragmática Cultural, Linguagem e Interdisciplinaridade (UECE). E-mail: tatynerodrigues@hotmail.com

2 Possui licenciatura em Letras pela Universidade Estadual do Ceará (1995), mestrado e doutorado em Linguística pela Unicamp (2000 e 2005) e pós-doutorado em Semântica/Pragmática também pela Unicamp (2010). Atuou como pesquisadora visitante na Universidade de Birmingham -UK (2002-2003) e como pesquisadora colaboradora do Instituto de Estudos da Linguagem-IEL-Unicamp (2009-2010). Coordena o Programa "Viva a Palavra: circuito de linguagem, paz e resistência da juventude negra da periferia de Fortaleza (MEC/PROEXT/ 2015). Atualmente é professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UECE, vinculada à linha de pesquisa "Pragmática Cultural e Estudos Críticos da Linguagem". Também atua como professora e pesquisadora do Mestrado Acadêmico Intercampi em Educação e Ensino (MAIE) da UECE. E-mail: claudiana.alencar@uece.br

Resumo: Estudamos os letramentos de reexistência e as práticas culturais realizadas pelo Coletivo Cultural Enquadro Rap do bairro da Serrinha. Como forma de intervenção, pesquisador e pesquisado, visamos entender como o domínio do uso social da linguagem se relaciona com as lutas sociais no bairro e de que maneira, os representantes desse coletivo ao utilizarem a linguagem como forma de ação contribui para a transformação das relações sociais de opressão. Pesquisamos ancorados nos estudos dos Letramentos Sociais (STREET, 2014), a partir dos Letramentos de Reexistência (SOUZA, 2011) integrados à Pragmática Cultural e sua perspectiva de linguagem como forma de vida nos diversos jogos de linguagem (WITTGENSTEIN, 1999), propondo uma pesquisa intervenção (ALENCAR, 2015) que reflita a responsabilidade do linguista e relevância de pesquisar as ideologias que constroem os enunciados dos jovens negros e moradores da periferia de Fortaleza. Aliamos a proposta de uma pesquisa cartográfica (PASSOS, 2009), que os resultados vão se mapeando.

Palavras-chave: *Letramentos de reexistência. Signos ideológicos. Jogos de linguagem. Jovens MCS. Periferia.*

Abstract: *We study the literacies of reexistence and the cultural practices carried out by the Collective Cultural Enquadro Rap in the neighborhood of Serrinha. As a form of intervention, researcher and researcher, we aim to understand how the domain of social use of language is related to the social struggles in the neighborhood and in what way, the representatives of this collective, using language as a form of action, contributes to the transformation of social relations of oppression. We have researched anchored in the studies of Social Letters (STREET, 2014), based on the Reexistence Letters (SOUZA, 2011) integrated to the Cultural Pragmatics and its perspective of language as a way of life in the various language games (WITTGENSTEIN, 1999), proposing a research intervention (ALENCAR, 2015) that reflects the responsibility of the linguist and relevance of researching the ideologies that construct the statements of young blacks and residents of the periphery of Fortaleza. Allied to the proposal of a cartographic research (PASSOS, 2009), the results are mapping.*

Keywords: *Reexistence letters. Ideological signs. Language games. Young MCS. Periphery.*

Introdução

Esse artigo trata-se de um recorte de uma pesquisa maior que se realizou por meio do programa de extensão Viva a Palavra: circuitos de linguagem, paz e resistência da juventude negra na periferia de Fortaleza, da Universidade Estadual do Ceará (UECE), que busca “contribuir com a realização de ações contínuas para a transformação de uma realidade social alarmante: a violência contra a juventude pobre e negra na periferia das grandes cidades” (ALENCAR, 2014a). À vista disso, o programa pretende fortalecer as práticas de letramento crítico da juventude residente nas comunidades do entorno dos *câmpus* da UECE, *câmpus* Itaperi e Fátima.

Por isso, desenvolvemos a pesquisa atuando no bairro Serrinha, onde está situada a sede da UECE, o *câmpus* do Itaperi. Sabemos que o bairro é formado por várias comunidades como: a Comunidade dos Buracos, Itaperi, Vila Rica, Rampa, Santa Tereza, Parque Dois Irmãos, Cruzeiro e Garibaldi. Nessas comunidades percebemos uma forte resistência e existência de coletivos culturais e movimentos sociais, tais como: o Ensaio Rock, o Movimento Pró-Parque Lagoa de Itaperaoba, o Hip Hop Gospel e o Enquadro Rap, entre outros. Contudo, o bairro é conhecido popularmente por ser um território atingido pelos mais altos índices de violência Assim sendo, buscamos estabelecer pontes de valorizações dos letramentos possibilitados pela cultura do Rap, prática culturalmente forte no bairro.

Então, foi diante da realidade vivenciada nas ruas, becos, escolas e casas do bairro da Serrinha, na periferia de Fortaleza, por meio do Programa Viva a Palavra, que lançamos olhar sobre as resistências dos moradores daquela comunidade. Dessa forma, apresento o bairro da Serrinha, localizado na zona central da capital, no estado do Ceará, como um bairro ainda precário em infraestrutura e equipamentos urbanos.

Segundo o censo de 2010 sobre a população do bairro Serrinha, a população masculina, representa 13.823 habitantes, e a população feminina, 14.947 habitantes de forma que, existem mais mulheres do que homens, sendo a população composta de 51.95% de mulheres e 48.05% de homens. Contudo, existem mais jovens do que idosos. Sendo a população composta de 23.4% de jovens e 5.6% de idosos.

Esses dados disponibilizados pelo Censo de 2010¹ contribuem para a compreensão do lugar em que vivenciamos, na medida em que almejamos versar sobre as significações ideológicas presentes nos discursos dos jovens rappers da referida comunidade a partir das suas práticas de letramentos de reexistência (SOUZA, 2011). Pois, são esses jovens que têm expressado pela letra, pelo canto, as reflexões e críticas, suas performances comunicativas que nela estão instituídos e como se sentem frente às desigualdades sociais, nas quais eles (as) sentem “na pele”. E, assim, eles vivem em territórios esquecidos, às margens da indiferença, no que diz respeito às políticas públicas, a representatividade desses jovens na sua comunidade nos sensibilizou e fez surgir indagações referentes à importância de expandir a voz da periferia, “uma vez que, ao considerar a linguagem como de natureza social, ela se mostra produtiva para considerar as particularidades dos discursos em relação ao lugar e à posição que os sujeitos ocupam no quadro da dinâmica política e econômica” (SOUZA, 2011, p. 34). Dessa forma, ocupamos o espaço inexistente de não apenas olhar a Serrinha como território de exclusão social a ser superado, como, simultaneamente, pela ótica das potencialidades de vocações, talentos e riquezas a serem afirmadas. Afinal, diante da árdua jornada de trabalho, das condições mínimas de moradia, e, muitas vezes, da responsabilidade de gerir uma família, os jovens da comunidade da Serrinha, por isso mesmo, veem na rima e na prática do *rap* uma forma de mostrar o seu cotidiano e de lutar através das críticas e reflexões sócio-históricas e culturais presentes em suas letras por um reconhecimento e melhores condições de vida.

O rap é intensamente, exuberantemente dialógico. [...] emerge de um processo dialógico: da conversa entre membros de um grupo que interage em grande proximidade física: olham-se nos olhos, permutam versos, homenagens ou insultos, e, de

¹ Dados obtidos através do site disponível em: <http://populacao.net.br/populacao-serrinha_fortaleza_ce.html>. Acesso em: 05 ago. 2017.

modo geral, “se alimentam da intensidade do outro” (STAM, 1992 *apud* SOUZA, 2011, p. 75-76).

Por isso, entendemos que a prática do *rap* está associada a, no mínimo, dois sujeitos: dois MCs, quando imersos nos jogos de linguagem da batalha de *rap*, ou um MC e um interlocutor. Em ambas as situações, teremos o MC interagindo com, pelo menos, um interlocutor, que será atravessado pelas vozes ideológicas presentes no discurso do MC. Além disso, o MC, geralmente, é conhecido como um sujeito que possui domínio das rimas e das letras das canções e que tem uma capacidade rápida de improviso. Isso acontece devido aos letramentos sociais desse sujeito, ou seja, ele realiza essas e outras ações – age de acordo com as regras dos jogos de linguagem – do âmbito do *rap* por tê-las adquirido socialmente, nas suas práticas sociais não escolares.

Linguística Aplicada: Uma Pesquisa Crítica

Este artigo pretende fortalecer as práticas de letramentos de reexistência dos MC's que moram no bairro da Serrinha e que fazem parte do coletivo cultural Enquadro Rap. Para isso, iremos nos ancorar nos estudos da Linguística Aplicada (LA) que volta suas reflexões para os conceitos linguísticos no aperfeiçoamento da comunicação humana, um percurso da interdisciplinaridade onde o uso da língua é focada no uso da linguagem na vida social, de maneira interdisciplinar, estabelecendo diálogos transdisciplinares com diversas áreas tais como a sociologia, a psicologia, a educação, a sociolinguística, a antropologia, e etc. Segundo Moita Lopes (2006, p. 21) “ainda que não queira clamar aqui que estamos diante de uma nova verdade, mas sim de alternativas para a pesquisa em nosso campo, que refletem visões de mundo, ideologias, valores etc.”, é que temos a intenção explícita em politização e nos processos de compreensão e transformação de contextos situados de uso da linguagem.

De fato, a LA não visa resolver problemas e/ou encontrar soluções. Pelo viés da interdisciplinaridade, ela busca criar inteligibilidade sobre os problemas e problematizá-los de forma que sejam vislumbradas possibilidades para tais contextos de uso da linguagem. Se tratando de um contexto de uma prática social crítica e livre dentro de uma situação social, Paulo Freire deliberou como interesse central o debate da linguagem, ou seja, uma preocupação, “uma educação para a decisão, para responsabilidade social e política” (Freire, 2009).

Por isso, sabemos que um dos desafios das pesquisas contemporâneas é ir além da tradição de dispor de resultados atrativos apenas para seus pares legitimando-os. Entretanto, a LA nos possibilita perfazer esse desafio por ser uma área que dialoga com teorias que reluzem profundas maneiras de produzir conhecimento em ciências sociais, assim, buscando entender nossos tempos, visando caminhos para “ouvir outras vozes que possam revigorar nossa vida social ou vê-la compreendida por outras histórias” (MOITA LOPES, 2006, p. 23).

Dessa forma, esta perspectiva tem uma relação dialógica com outras teorias e métodos sociais, com eles engajando-se não apenas de maneira interdisciplinar, mas transdisciplinar. Assim sendo, necessitamos ter em vista as vivências desses jovens militantes, suas crenças, como eles falam e acham que falam, ou pensam que devem falar. E não nos limitarmos apenas a como eles falam, isto é, trazer à tona quem são e as vidas marginalizadas em diversos pontos, tais como, permeando os signos ideológicos que perpassam o discurso dos MC's, e que os constroem. Segundo Moita Lopes (2006):

Esse percurso parece essencial, uma vez que tais vozes podem não só apresentar alternativas para entender o mundo contemporâneo como também colaborar na construção de uma agenda anti-hegemônica em um mundo globalizado, ao mesmo tempo em que redescreve a vida social e as formas de conhecê-la (Moita Lopes, 2006, p. 27).

Por conseguinte, para a construção desse olhar anti-hegemônico diante da linguagem nos ancoramos na perspectiva dos Letramentos Sociais, a luz da concepção de Street (1984), porque, as práticas de letramento irão se modificar de acordo com o contexto. Contudo, devemos salientar que os estudos em torno dos letramentos foram delineados por Paulo Freire há mais de trinta anos destacando o efeito conferidor de poder do letramento. Ou seja, “a palavra de ordem nos estudos sobre o letramento que se voltam para a transformação da ordem social é, potencializar pelo letramento” (KLEIMAN, 1995, p.8). Então, a maneira de ser efetivamente poderoso dá-se pelo acesso e manipulação de informações de saber.

À vista disso, o letramento vai além do que ter o domínio da leitura e da escrita, como era visto inicialmente. Ele é tido como um fenômeno que ultrapassa o mundo da escrita (mecânica) em que ele é compreendido e apreendido nas instituições que possuem o papel de inserir o sujeito no domínio da escrita. Para Street (1994), as práticas de letramento são cultural e socialmente determinadas, e os significados que a escrita atribui para um grupo social se submete às instituições e aos contextos em que ela foi adquirida, em outras palavras, da sua práxis. Ele pressupõe ainda a existência de grandes áreas de interface entre práticas orais e práticas letradas e investiga suas características.

Os Novos Estudos do Letramento (Nel/Nls): Modelo Ideológico do Letramento

Os estudos referentes aos letramentos examinam o desenvolvimento social e procuram englobar os usos e práticas sociais de linguagem que abrange a escrita de uma maneira ou de outra. Não é possível pensar em letramento excluindo os fatores sociais, políticos, econômicos, e tecnológicos de uma época, ou se restringindo apenas à escrita. Afinal, segundo Kleiman (1995) “o fenômeno do letramento extrapola o mundo da escrita tal qual ele é concebido pelas instituições que se encarregam de introduzir formalmente os sujeitos no mundo da escrita”.

Podemos perceber isso ao observar crianças que mesmo antes de adquirirem o domínio da escrita e da leitura conseguem desempenhar determinadas práticas sociais que são coerentes aos contextos situacionais. Da mesma forma, que sujeitos analfabetos agem na sociedade desenvolvendo também práticas de letramento que são determinadas e adquiridas socialmente pelos jogos de linguagem em que estão inseridos. Portanto, o aprendizado da escrita se dá considerando as práticas sociais e concretas, ou seja, as práticas letradas são produto da história, da cultura e do discurso. Nessa perspectiva, os letramentos devem ser discutidos com base no que Street (1984) chama de “modelo ideológico do letramento”.

Então os estudiosos do letramento com base na obra de Street (1984) principiam os Novos Estudos do Letramento (NEL/NLS) que expõe a relevância de perceber o letramento em sua pluralidade, ou seja, a existência de vários letramentos, onde um não exclui a presença do outro. Assim, não se restringindo apenas a competência individual desenvolvida nos âmbitos escolares, denominada pelo pesquisador como modelo autônomo de letramento. E nem principalmente, ao modelo ideológico de letramento em que expõe que as práticas de letramento são adquiridas socialmente a partir de aspectos não somente da cultura, como também advindas das estruturas de poder eminente da sociedade.

Portanto, o NEL sustenta que as práticas de letramento são determinadas sócio e culturalmente, e ainda que, “os significados específicos que a escrita assume para um grupo social dependem dos contextos e instituições em que ela foi adquirida” (KLEIMAN, 1995, p. 21). É na conjuntura dessas mudanças que tematizo a noção de letramento com a qual nos afiliamos como um agrupado de práticas socialmente organizadas que se utilizam de um conjunto de símbolos e de tecnologias para a realização de tais práticas sociais em contextos situados. Ou ainda, “um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, como sistema simbólico e como tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos” (KLEIMAN, 1995, apud SCRIBNER E COLE, 1981).

A prevalência dos Novos Estudos do Letramento tem sido dar conta da heterogeneidade das práticas de letramentos sociais de escrita, leitura e uso da linguagem como um todo, especificamente, as práticas não valorizadas que por consequência são pouco investigadas, assim, na nossa pesquisa chamamos essas práticas de letramento de reexistência. Dessa forma, Street (2003, apud Rojo,

2009) implica-se no reconhecimento das práticas sociais se realizarem variando de acordo com as condições sociais situadas, sendo assim externando a existência de múltiplos letramentos. A partir disso, “interrogando-se sobre “quais letramentos” são dominantes e quais são marginalizados ou de resistência” (STREET, 2003, *apud* ROJO, 2009). Podemos entender os letramentos dominantes como aqueles que são estabelecidos pelos aparelhos ideológicos de poder, ou seja, as instituições de poder que são considerados cultural e legalmente, tais como a escola, o âmbito jurídico e político, a igreja, a ciência, o comércio, entre outros. Já os letramentos não controlados e regulados por instituições sociais de poder são chamados de “vernaculares”. Originam-se, brotam e florescem no cotidiano dos sujeitos, nas suas práticas culturais, sendo assim muitas vezes ignorados, esquecidos e desvalorizados por se constituírem como letramentos de rompimento hegemônico da cultura oficial, ou seja, os letramentos de resistência, ou melhor, de reexistência.

Diante disso, podemos observar a prática do Rap como letramentos de reexistência que rompem com a hegemonia do letramento ser mencionado apenas ao âmbito escolar, afinal, o MC ao agir no mundo segue diversas regras dos jogos de linguagem do Rap, tais como; a organização das músicas repleta de rimas e críticas sociais, respeito ao turno de fala e ao tempo determinado para cada MC, compreensão e conhecimento prévio do ritmo e do assunto da música, pois, quando imersos nas batalhas de Rap o MC, os sujeitos, devem improvisar sua rima de acordo com o assunto temático que é sorteado ou escolhido no momento de sua ação. Nessa visão, podemos perceber que as significações ideológicas emergem do discurso dos MC's na sua ação, no seu ato de fala, no agir da prática de letramentos. Assim, os letramentos sempre são sociais, afinal, nós os aprendemos através da participação em relações sociais. E os significados que construímos nas relações sociais sempre nos remetem a uma rede dialógica de significados de outros sujeitos. Na concepção de Soares (2002) o letramento com enfoque ideológico e também pela perspectiva de alfabetização de Paulo Freire contribui na potencialização de poderes dos agentes sociais e na construção de identidades em sua cultura local, cultura valorizada, rompendo com a hegemonia.

Entendendo os Letramentos de Reexistência

Para dialogarmos sobre os letramentos de reexistência, é importante mencionarmos que foi a prof^a. Dra. Ana Lúcia Silva Souza, durante a sua pesquisa de doutorado defendida em 2009 no Instituto de Estudos da Linguagem - Universidade Estadual de Campinas (IEL-UNICAMP), quem propôs essa conceituação. A partir de sua tese, teve como fruto o livro *Letramentos de reexistência: poesia, grafite, música, dança: Hip-Hop* em que fundamenta nossa pesquisa ao abordarmos os letramentos de reexistência. Ao dedicar-se a investigar as práticas de letramentos na cultura do Hip Hop, a pesquisadora considerou as práticas de letramentos desenvolvidas em âmbito não escolar como letramentos de reexistência, por serem práticas marcadas pelas identidades sociais dos sujeitos e afetadas por aspectos da história do letramento do Brasil, sendo, portanto, capazes de influenciar no percurso pessoal e coletivo do uso social da linguagem.

As práticas dos jovens implicam sustentar e assumir novos papéis e funções sociais nas comunidades de pertença e em sua interação com os sujeitos. Segundo Souza (2011) os letramentos de reexistência configura-se como essa atuação dos sujeitos em que eles se reinventam e “nos quais os usos da linguagem comportam uma história de disputa pela educação escolarizada ou não”.

Dessa forma, os sujeitos “praticantes” dos letramentos de reexistência não só resistem a um formato de letramento hegemônico e excludente que se firma nas legitimações cristalizadas, como também tecem outros caminhos de dizer o já dito, inserindo de forma imanente suas significações ideológicas e suas identidades sociais. Assim, os sujeitos percorrem um caminho além da resistência, reexistindo também através da linguagem. Pois, é a partir das práticas letradas e dos discursos dos reexistentes que se dá a nitidez à invisibilidade social que existe diante dos esquecidos historicamente pela sociedade, tais como: os moradores das periferias, os negros, os jovens, as mulheres, os homossexuais, etc. Então, a pesquisadora nomeia como letramentos de reexistência as práticas de ressignificação de identidades dos sujeitos no cotidiano da construção de conhecimentos. As práticas de letramentos de reexistência se tornam, portanto, práticas de reinvenção dos modos de ser e estar no mundo por meio da linguagem. Dessa forma a categoria “reexistência” é usada fundamentada num ponto de vista sócio histórico.

Afinal, Souza (2016) classifica letramentos de reexistência ao perceber que mesmo que não se reconheça ou não seja estimado, existe “no cotidiano uma reinvenção de práticas de uso da linguagem que os sujeitos realizam e que estão ancoradas, sobretudo nos referenciais e na história de vida das pessoas” (Souza, 2016, p. 70). Em vista disso, resistir não é apenas sobreviver e endurecer, é resistir existindo de um novo jeito em harmonia com suas práticas vivenciadas e suas histórias de vida que estão sendo tecidas.

Portanto, Souza (2016) categoriza o letramento como de reexistência ao destacar que as nossas práticas sociais de uso da linguagem se sustentam principalmente na história de vida das pessoas e nas suas referências, mesmo que não notemos ou não as olhemos devidamente. Dessa forma, entendemos que o letramento de reexistência se ancora em três prismas: as vivências de letramento apoiadas nas práticas sócio-históricas e culturais; os letramentos escolares e não escolares; e as práticas de usos de linguagem associadas ao momento atual, como os movimentos sociais, a política, etc. Ainda, esses prismas podem estar em esferas sociais diferentes. Por isso, a pesquisadora relata que um dos desafios emergentes das instituições escolares é contemplar as múltiplas e dinâmicas formas de uso social da linguagem, implementando um elo entre o que está no interior e o que está no exterior da sala de aula, de modo a reconhecer as diversas identidades e vozes que rodeiam os espaços educativos (SOUZA, 2009, p.188). Buscando uma maneira de educar a partir da vida dos sujeitos, por meio de um ensino que reconheça suas vidas em sua plenitude, sua história, seus costumes, e, a construção de conhecimentos dos sujeitos a partir da realização de suas práticas cotidianas.

Letramentos de Reexistência do Coletivo Cultural Enquadro Rap

No bairro da Serrinha a prática do Rap é uma cultura bastante presente, existindo mais de um grupo praticante desse gênero musical. Dentre esses grupos há quem produz um Rap voltado a crítica social e há quem produz um Rap gospel, direcionado a religiosidade. À vista disso, dentre o viés crítico social e a religiosidade nas letras das músicas de Rap, pela afinidade à crítica social, optamos por entender, pensar e pesquisar o Rap percorrendo esse caminho, pelo fato de refletir as lutas sociais vivenciadas cotidianamente pelos sujeitos, moradores do bairro, e por ser uma reexistente forma de lutar para alcançar melhores condições de vida. Ao mencionarmos o termo reexistência grafado desta maneira podemos explicar que é o fato do sujeito resistir e lutar frente às dificuldades sócio histórico e culturais, como também, existir de uma nova forma, indo a oposição do estereótipo e do sistema. Ou seja, reexistente ao persistir e lutar de uma maneira anti-hegemônica, por ser através da prática cultural do Rap e não através da criminalidade, como acontece na maioria das vezes.

Por isso decidimos centrar nossa pesquisa em um único grupo de Rap, o Enquadro Rap, por ser um coletivo cultural composto por jovens militantes das causas sociais do lugar em que vivem, e, atuantes neste lugar, na periferia de Fortaleza. O Enquadro Rap é composto por três MC's e um DJ² que se inserem na faixa etária de 18 a 25 anos, que moram nas comunidades do bairro da Serrinha e que foram estudantes das escolas públicas existentes no bairro. Esses jovens desde cedo tiveram a responsabilidade de trabalhar para seu sustento e da sua família, dessa forma, assumindo o lugar de sujeitos ativos socialmente e militarmente, por atuarem em um grupo de Rap militante dos problemas sociais, principalmente da comunidade em que vivem.

Além de atuar no campo, na Serrinha, como também em diversos bairros de Fortaleza, como a Barra do Ceará, Jangurussu, Praia de Iracema, Mondubim, entre outros, o coletivo cultural possui páginas nas redes sociais como forma de divulgação e disseminação das suas ideologias e lutas sociais. Por conseguinte, atuamos com base na pesquisa cartográfica das práticas de letramentos. Pois, a cartografia possibilita uma experiência de comprometimento e pertencimento já que os envolvidos se inserem no processo de investigação e resolução dos problemas. Assim, ao compreendermos a cartografia enquanto método requer que consideremos uma investigação de um processo de produção que se relaciona à vertente da representação da *práxis*, ou seja, da

² Dj é a sigla de Disc Jockey (disc-jóquei), que significa a pessoa responsável por tocar, comandar as músicas.

realidade em que os sujeitos vivem. Além disso, é a partir da vivência cartográfica que narramos às experiências vividas na comunidade de estudo, se baseando em um trabalho de campo, de longo prazo, por que o pesquisador precisa vivenciar cotidianamente a rotina junto dos pesquisados, podendo se deparar com multifatores que farão a pesquisa se personalizar, se desenhar de acordo com os acontecimentos ocorridos na vida dos sujeitos. E essa personalização, como também todo o percurso da pesquisa, se desenvolveu de maneira dialógica entre pesquisador e pesquisado, o MC Dieguin, que nos chamou a atenção pela sua história de vida, resistência e militância assídua na comunidade.

Dessa maneira, podemos retratar isso quando analisamos uma das falas do MC ao demonstrar sua insatisfação pelo fato da grande massa dos MC's atualmente estarem "vivendo um Rap que não é de resistência, é um Rap de aparência". Dessa forma, consideraremos toda esfera contextual do coletivo cultural Enquadro Rap, porém, nosso participante focal estará centrado nas significações ideológicas que emergem das práticas de letramentos de reexistência do MC Dieguin.

Círculo de Bakhtin e o Signo Ideológico

O Círculo de Bakhtin refere-se a um grupo de estudiosos russos de diversas áreas, que se reuniam informalmente na Universidade de São Petersburgo, no início do século XX, para discutir, dentre outros assuntos, Filosofia e Linguística. Organizado desde 1911-1912, o grupo teve como representantes principais Mikhail Mikhailovich Bakhtin, Pavel Nikolaevich Medvedev e Valentin Nikolaevich Volóchinov. Na época, os estudiosos do Círculo se voltaram para o estudo da linguagem na relação social dos sujeitos nas atividades humanas interacionistas, selecionando a linguagem em uso como seu principal objeto de estudo; diferenciando-se, por exemplo, do pensamento estruturalista de Ferdinand de Saussure – em evidência no âmbito dos estudos da linguística àquela época –, que propunha estudar a língua de forma isolada, sem relação com o social.

O Círculo de Bakhtin elaborou um vasto (e denso) arcabouço teórico e, no conjunto dessas elaborações teóricas, destaca-se o conceito de signo que, "a priori", está ancorado na ideologia, pois, para os autores, todo signo é ideológico e a ideologia é o reflexo das estruturas sociais; assim, de acordo com os pensadores, o signo é de natureza social e qualquer modificação na sociedade proporciona uma modificação no signo.

No que concerne ao dialogismo, conforme Fiorin (2006), podemos entendê-lo como as relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados. Assim sendo, "todos os enunciados no processo de comunicação são dialógicos" (FIORIN, 2006, p. 19). Isso porque, para o pensamento do Círculo Bakhtiniano, todo discurso é atravessado e ocupado pelo discurso alheio; afinal, para construir seu discurso, o enunciador considera o discurso de outrem, que se faz presente no seu. Trataremos do dialogismo de maneira mais detida, na subseção a seguir, por meio das relações dialógicas.

Com base nesses estudos, é necessário afirmar que "o tema e a forma do signo ideológico estão ligados entre si de modo indissolúvel" (VOLÓCHINOV, 2017, p. 112). Com efeito, como pontua Volóchinov (2017, p. 99), "o signo é criado por uma função ideológica específica e é inseparável dela", portanto, o uso de certos signos denota a ideologia que interpela e emerge na linguagem do sujeito. Tendo em vista essas ideias, pretendemos, então, mostrar, aos leitores, que, a partir dos signos ideológicos dos MCs, teremos representações do âmbito discursivo em que esses sujeitos estão inseridos, já que "o signo não é somente uma parte da realidade, mas também reflete e refrata uma outra realidade, sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante" (VOLÓCHINOV, 2017, p. 93).

À vista disso, salientamos, ainda, que o pensamento do Círculo de Bakhtin, em especial na obra de Volóchinov (2017), fundamenta-se na noção de que os signos, tanto verbais quanto visuais e verbo-visuais, são revestidos por elementos ideológicos e valorativos, de forma que o signo não corresponde à neutralidade³. Afinal, "onde há signo há também ideologia" (VOLÓCHINOV, 2017, p. 93). Nessa abordagem, os signos são percebidos como um material linguístico e ideológico

3 Entendemos que o signo não é neutro porque ele é interindividual e formado por várias vezes sociais, dotadas de posicionamentos valorativos, que o utilizam e já o utilizaram durante a história. Contudo, o signo também pode ser neutro em relação a uma função ideológica. Por exemplo, dependendo da maneira como uma palavra aparece em um enunciado e do contexto, ela pode assumir uma função ideológica específica.

em que os enunciadores inscrevem acentos apreciativos e também como uma arena em que se desenvolvem as lutas de classes, de modo que os grupos sociais estão, continuamente, em disputas para o estabelecimento dos sentidos. Ou seja,

A existência não apenas é refletida no signo, mas também é refratada nele. O que determina a refração da existência no signo ideológico?

– O cruzamento de interesses sociais multidirecionados nos limites de uma coletividade sónica, isto é, a luta de classes. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 112).

Dessa forma, decidimos nos apropriar da abordagem bakhtiniana pelo fato de que essa teoria se importa com as relações que se estabelecem entre signo e ideologia e apresenta uma preocupação multissemiótica, levando em consideração, não apenas materiais verbais, mas também, por exemplo, materiais visuais e verbo-visuais e refletindo sobre de que forma o material sónico veicula determinadas orientações ideológicas. Os sentidos são construídos através da associação entre a dimensão verbal e a dimensão visual; assim, ocorre uma relação entre o verbal e o não verbal, em que ambos se apoiam um no outro, conferindo sentidos.

As Relações Dialógicas da Linguagem na Concepção Bakhtiniana

Para versar sobre as relações dialógicas, temos que dialogar com a obra *Problemas da Poética de Dostoiévski* de Bakhtin (2015), que irá discutir a proposta de uma Metalinguística interpretada por Brait (2014) como uma teoria/análise dialógica do discurso. Primeiramente, Bakhtin (2015) faz um paralelo entre a Linguística e a Metalinguística, em que uma não considera os aspectos externos, e que a outra vai dar importância não somente a esses fatores externos abstraídos pela Linguística, mas principalmente a eles. Apesar das diferentes maneiras de lançarem seus olhares, a Linguística e a Metalinguística estudam um mesmo fenômeno, o discurso, que é complexo, multifacetário e concreto.

Contudo, ainda segundo o filósofo, as relações dialógicas são o objeto de estudo da Metalinguística, detendo-se especialmente sobre as unidades reais de comunicação da língua. Ou seja, a Metalinguística analisa as relações dialógicas entre enunciados, isto é, a língua em funcionamento, e não somente as relações lógicas estabelecidas no sistema linguístico. Por isso, é impossível haver relações dialógicas entre elementos no sistema da língua, pois possuem caráter extralinguístico e se situam no campo do discurso, tornando-os inseparáveis. Nesse sentido, Bakhtin (2015) afirma que as relações dialógicas:

Se situam no campo do discurso, pois este é por natureza dialógico e, por isso tais relações devem ser estudadas pela metalinguística, que ultrapassa os limites da linguística e possui objeto autônomo e metas próprias. As relações dialógicas são irredutíveis às relações lógicas ou às concreto-semânticas, que por si mesmas carecem de momento dialógico. Devem personificar-se na linguagem, tornar-se enunciados, converter-se em posições de diferentes sujeitos expressas na linguagem para que entre eles possam surgir relações dialógicas (BAKHTIN, 2015, p. 209).

Dessa forma, o Círculo Bakhtiniano visava examinar os atos linguísticos contemplando todos os aspectos sociais, tudo aquilo que atravessa e envolve certo discurso em um dado momento. Por conseguinte, vemos que Bakhtin e seu Círculo sugerem o dialogismo alicerçado na noção de que a linguagem é socialmente constituída, e que deve ser explorada levando-se em consideração, por exemplo, aspectos históricos, culturais, políticos, ideológicos e a variedade de significados das palavras. Dessa forma, com base em Bakhtin (1988), entendemos que a natureza dialógica do

discurso apresenta-se:

[...] naturalmente [como] um fenômeno próprio a todo discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa (BAKHTIN, 1988, p. 88).

Desse modo, é imprescindível salientar que não se analisa o dialogismo em si. Na realidade, o dialogismo revela-se no discurso deixando marcas⁴, pois, este é tido como princípio constitutivo da linguagem. Portanto, o que se estuda são as relações estabelecidas no campo do discurso que tem o dialogismo como seu constituidor e fundador. As relações dialógicas não são percepções sem marcas de sua ocorrência, apenas subjetivas, e também não provêm apenas de meros arranjos logicamente produzidos, como são os linguísticos. Ou seja, a língua viva e utilizada em contextos reais e concretos, cercada de tensões e significados, é que possui valor como objeto de estudo para a Metalinguística.

Brait (1997, p. 98), indo ao encontro das ideias do Círculo Bakhtiniano, afirma que podemos compreender o dialogismo como “o diálogo, nem sempre harmonioso, existente entre os diferentes discursos que configuram uma comunidade, uma cultura, uma sociedade; é um dito que responde a ditos anteriores e necessita de respostas futuras”, seja aceitando, negando ou transformando o discurso anterior por outros discursos presentes na vida social. Nesse sentido, os juízos de valor manifestos emitidos nos jogos de linguagem confirmam valores, princípios e normas aceitos pela comunidade ao indicarem, ou sugerirem, como a pessoa deve se portar no âmbito social.

Assim, na concepção do Círculo Bakhtiniano, o dialogismo pode ser percebido, por exemplo, como a voz de um sujeito que se insere no discurso de um outro sujeito, configurando uma espécie de discurso dentro do discurso. Colaborando com essa ideia, Fiorin (2006, p. 19) afirma que “todo discurso é inevitavelmente ocupado, atravessado, pelo discurso alheio”, ou seja, o discurso do sujeito é resultante de várias vozes sociais interligadas, pois todo discurso é construído a partir do que outros sujeitos disseram sobre determinado objeto. Em linhas gerais, podemos entender o dialogismo como as relações de sentido que se estabelecem entre dois ou mais enunciados. Faz-se pertinente ressaltar, tomando como base Fiorin (2006, p. 21), que “o que é constitutivo do enunciado é que ele não existe fora das relações dialógicas. Nele estão sempre presentes ecos e lembranças de outros enunciados”.

Convergindo com esse pensamento, Bakhtin (2011) assevera que o enunciado é a unidade da comunicação verbal. Logo, a noção de enunciado considera todo o contexto e as condições que levaram ou influenciaram, de alguma maneira, para que aquele enunciado tenha sido proferido como tal. Além disso, cada enunciado é um elo em uma cadeia complexa de outros enunciados. É por remeter, constantemente, a outros dizeres que os enunciados são dialógicos; nenhum deles existe em si mesmo. Quer dizer,

Os enunciados não são indiferentes entre si nem se bastam cada um a si mesmos; uns conhecem os outros e se refletem mutuamente uns nos outros. Esses reflexos mútuos lhes determinam caráter. Cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva (BAKHTIN, 2011, p. 296-297).

À vista disso, fascina-nos a linguagem em uso, suas entonações e valorações, porque é esta linguagem que nos revela as “vozes” que ela carrega. Então, temos ciência de que fazer uma análise

⁴ Contudo, nem sempre as marcas são deixadas, pois existem dois tipos de dialogismo: o implícito, que não se mostra, porque, no entendimento do Círculo de Bakhtin a linguagem é dialógica por natureza; e o que se mostra na malha discursiva por meio da paródia, do discurso citado.

translinguística/dialógica é valorizar a historicidade do enunciado, isto é, ao realizar uma análise à luz da perspectiva bakhtiniana, são considerados não apenas as unidades linguísticas que fazem parte dos discurso/enunciados, mas a enunciação – as condições de produção destes – também. Entendendo, pois, dessa forma, é correto afirmar que, se todo discurso é dialógico, todo discurso é também histórico.

Sendo assim, por meio do dialogismo, é possível certificar a presença de vozes sociais conflitantes na arena de lutas de sentido do discurso. O Círculo de Bakhtin, em suas obras, referem-se à arena como um lugar de disputa de sentidos, onde os valores sociais contraditórios se confrontam, ou seja, para Volóchinov (2017, p. 140), “toda palavra é um pequeno palco em que as ênfases sociais multidirecionadas se confrontam e entram em embate.” São essas vozes sociais, situadas em diferentes tempos e espaços e repletas de ideologias diversificadas, que produzem sentidos e se relacionam com o discurso produzido, permitindo-nos compreender a história que o atravessa.

Diante disso, podemos entender que o enunciado é pensado e compreendido nas suas relações dialógicas e que todo discurso é revalorado, reacentuado, por diferentes sujeitos em diferentes situações de interações sociais. Em outras palavras, os enunciados trazem marcas ideológicas, valorações, traços individuais e pontos de vistas que se entrecruzam. Isso significa que os discursos e os enunciados estão em uma relação contínua com os discursos e os enunciados que lhe precederam, com aqueles que lhes são contemporâneos e com os que virão depois deles em um processo ininterrupto.

Resistir, Insistir e Existir

Ao percorrermos nossa trajetória, cartografamos a participação do *Enquadro Rap* em vários saraus, assim analisamos as práticas sociais do MC Dieguin em quatro saraus. Discutiremos sobre o tema e a significação a partir dos enunciados produzidos pelo MC Dieguin nos jogos de linguagem dos saraus por estes terem nos mostrado a existência do forte caráter de resistência nesse gênero discursivo. Assim sendo, podemos entender o jogo de linguagem do sarau como uma prática cultural bastante utilizada pela juventude da periferia, que tem como uma de suas estratégias lutar pelo direito ao acesso à arte, à cultura e à educação (ALENCAR; SOARES, 2017). Segundo Silva *et al.* (2016), sarau é uma reunião de pessoas que tem algum vínculo com a arte e a cultura e que expressam, por meio dessas duas áreas, suas obras, ideias, pensamentos, dentre outras coisas. Além disso, nesse jogo de linguagem, ocorre a participação de diversos sujeitos que atuam expondo sua opinião referente ao assunto principal ou inserindo outro assunto à pauta no momento chamado microfone aberto. Durante o jogo, há, ainda, a declamação de poesias, apresentação artística de canto, dança, entre outras ações.

O primeiro sarau que acompanhamos foi o Sarau de Luta, que aconteceu no dia 01 de abril de 2017 na comunidade Guaribal, localizada no bairro Serrinha. O sarau, denominado Sarau de luta, aconteceu em frente à escola Instituto Infantil Irmã Giuliana Galli e teve o intuito de reivindicar a resolução de uma obra inadequada e inacabada que a prefeitura realizara em frente à escola, e, por causa dessa reforma, as casas, localizadas aos arredores da comunidade, passaram a sofrer alagamentos desde então. A data do evento, dia 01 de abril – Dia da Mentira –, foi escolhida pelos moradores da comunidade, que estavam engajados na ação, como forma de protesto ao projeto de reforma prometido à comunidade, que não se concretizou. Pelo contrário, só proporcionou transtornos aos moradores que residem no entorno do local da obra.

O segundo sarau foi o Sarau Viva a Palavra, que aconteceu no Centro de Eventos do Ceará, no evento da XII Bienal Internacional do Livro do Ceará, na sala intitulada Juventude Fantástica com participantes tanto da Universidade Estadual do Ceará como moradores do bairro da Serrinha. Depois foi o Sarau da B1, na praça do bairro Jangurussu, que teve o intuito de lançar o livro de poesias marginais⁵ *Flores de Alvenaria*, do poeta Sergio Vaz. Durante o lançamento, entre

5 A Literatura Marginal é um exemplo da contracultura, a cultura marginal, e surgiu em um período turbulento da História do Brasil: a Ditadura Militar. Um dos **objetivos da Poesia Marginal** era propor uma crítica aos conservadorismos da sociedade, incorporando à Literatura elementos e representações da violência diária nas grandes cidades. Hoje, a literatura marginal é representada por grupo de escritores da própria periferia, que levam

uma declamação e outra de poesias do livro pelo autor, tivemos a participação do público com declamação e canto de poesias marginais. Foi quando o MC Dieguin pôde, então, expandir a voz dos moradores da Serrinha ao declamar suas rimas em outro bairro, fazendo com que elas refletissem suas vivências e de tantos outros moradores ao cantar suas aliterações.

E, por fim, abordando o descaso do poder público para atender às reais necessidades do povo pobre e negro, também houve o Sarau da Serrinha pela revitalização da Praça da Cruz Grande, organizado, prioritariamente, pelo Movimento Arte e Reexistência Periférica (MARPE), que teve intuito de reivindicar a situação precária da praça a partir da reunião dos moradores, dos movimentos e dos coletivos culturais do bairro para organizar um abaixo assinado e proporcionar um momento em que todos pudessem expor suas ideias e questionamentos. Além disso, foi uma ocasião em que todos puderam aumentar a sociabilidade entre as pessoas do bairro, que se encontraram e compartilharam suas ideias e suas produções artísticas, criando, reinventando e ressignificando o espaço urbano por meio de suas trajetórias e de suas vivências. Na ocasião, os participantes do sarau também motivaram a comunidade a falar sobre os problemas do bairro.

Portanto, com base no caráter resistente e insistente dos saraus, observamos algumas regularidades no discurso do MC Dieguin em todos os saraus. Dentre elas, optamos, aqui, por analisar a canção *Partindo do céu da boca*, de autoria do *Enquadro Rap*, que foi cantada pelo MC em todos os quatro saraus citados anteriormente. Essa canção tem como foco principal denunciar, a partir das enunciações, como os telejornais constituem o sentido para a periferia e os moradores dela. Veremos abaixo a canção:

Partindo o céu da boca
Enquadro Rap

Se liga na rima que eu tô maquinado, não sou Sabotagem,
mas tô interado, prestando atenção no movimento dos carros,
os porcos safados querem reprimir, não vou permitir, eu vou impedir
que o Vitor Valim fale algo daqui, não vou me calar,
que saia do ar o Barra Pesada e o Eli Aguiar. Que ganham
dinheiro filmando as mortes da gente que é pobre, quero vê
dá suporte, um carro esporte na rua do fim, não teve a sorte,
capotou o infeliz, entupindo o nariz só de coca, me diz, tu acha
que é isso que quero pra mim.

Não dá pra entender e eu quero saber por que 190 só filma
você. Que a*ortou a bala, porrada, facada na porta de casa
com a molecada tocando violão, não teve escola mas teve
seu nome na grande estatística de gente que morre de bala
perdida, tô na correria, o sol de meio dia é forte é quente,
uma bala fervente, sentado na sala. Pesado é a barra e no
Barra Pesada minha vó se impregna assistir em família a
carnificina passar na telinha, é de noite, é de dia, depois do
meio dia. Transmitem a tragédia de várias famílias da periferia.
Novato pequeno, cenário veneno, não teve incentivo, só
deu audiência pro tal do Nonato, que ganha centavos com
noticiário, mostrando o lado infeliz da favela, que é linda, é
bela, não é só desgraça! Municiam a bala, faltou a borracha. A
caneta, o lápis, também o caderno, o microfone aqui, é o que
me tira do ferro.

para a escrita sua cultura e seus problemas sociais. Segundo Eble e Lamar (2015, p. 194) “a literatura marginal também está diretamente associada à cultura *hip hop* e, principalmente, a melodias do *rap*”, pois, assim como no Rap, a linguagem coloquial, a estrutura das letras e as gírias são características da linguagem da literatura marginal dessa atual geração de escritores marginais/periféricos.

“Programa policial, atraso social, quero ver filmar um sarau e transmitir em rede nacional”. (Refrão)

É sensacional no telejornal, estampado na capa mais uma Baixada. A vítima vinha voltando pra casa, entrou foi no beco, sentaram o dedo, sem dó, sem respeito mataram o menor, foi na Marajó, cheirava loló, viciou fez um nó, pois ai olhem só, chegaram os bocós! Cenário melhor que garante audiência, pois, a violência daqui transmitida é mais fonte pra classe que é rica. Divulgam a vida e uma triste notícia. A mãe muito aflita correu pra esquina, a repórter chegou perguntou seu nome. Dois homens numa moto aplicaram em instantes tiros perfurantes, disparos constantes matou o estudante camisa cyclone, o celular manchado de sangue não gravou uma bala, mas a luz na sua cara, assisti daqui da sala. O sangue tá em alta! Então faço chover! O Barra Pesada espera você! Pra ser entrevistado, humilhado, algemado, cabeça pra baixo ouvindo as perguntas. Repórter fajuta, se intera sua burra, criança amarrada tá no porta mala dessa viatura! Loucura absurda, fissura sem cura que nunca vai mudar, mais uma ocorrência pro Rota vim filmar. O sorriso estampado no rosto não é sinônimo de felicidade, Te engano com o brilho contido nos cílios, tão finos. No crânio só ódio, se afoga em maldade por conta da cena, sentença que é plena e aumenta o risco de jovens no vício, mas no papel de ofício o Cassiano desenha e não vira estatística para vários Datena. Tamanha a verdade, tampouco a reciprocidade que atinge os irmãos que tão na cidade, a oportunidade não bete na porta, disfarça no assalto, na mão a pistola, na raiva te mostro e apavoro que é tudo problema dos grandes negócios, do homem engravatado que tá no escritório assinando minha ficha pro reformatório. (2x Refrão)

Então chega na rima, sarau na pracinha, voz e violão, prosa e poesia!

Convida a família, galera arrepia, esqueceu a ideia, se vira nos 30. Aqui tem artista, e não jovem no crime que vira estatística metendo a fita colando então pregando e incentivando a leitura no varal poético que é como remédio. Que não é entregue nos postos de saúde, ajude várias vidas e essa atitude parte dos moradores que não aguenta uma ação truculenta, do sistema fascista preconceituoso e capitalista. E as mulheres aqui elas tem voz, *** os machistas, quem faz o coletivo aqui é nós, e é assim que tem que ser, um apoio ao movimento LGBT, e também chega pra vê a favela animada, a comunidade organiza o sarau na praça é melhor ainda que é de graça, e é a dois, então chama a gata. De repente o repente da mente transborda em lágrimas, que agita a criança e que corre na mãe desamparada. A parada é estudar, se informar, se organizar, para construirmos a revolta popular, para tirarmos do ar apresentadores sem futuro, que não direcionam suas câmeras para cultura do gueto que é artigo de luxo. Temer teme o povo, tirano passará mal! (Refrão)

Dessa forma, analisando os enunciados proferidos pelo MC ao cantar, percebemos neles a denúncia ao discurso dos telejornais, que dão importância e noticiam apenas os atos de violência que acontecem na comunidade como estratégia de lucro para alcançar audiência, quando, em contrapartida, todas as necessidades e talentos existentes são esquecidos. Nesse sentido, o discurso

do MC atua como uma “contrapalavra” a esse discurso midiático. Essa contrapalavra, de acordo com pensamento de Volóchinov, é o que possibilita as variações temáticas para o signo “periferia”.

Nessa direção, segundo o discurso do MC Dieguin, os programas policiais que “transmitem a tragédia de várias famílias da periferia” (MC Dieguin, 2017), são uma forma de atraso social, por darem visibilidade apenas à violência, enquanto que a cultura existente na comunidade, como os saraus que brotam em toda a periferia como um movimento de resistência juvenil, são invisibilizados e não recebem qualquer incentivo de Políticas Públicas do Estado. Para essa observação, trazemos o refrão do *rap* analisado, em que o MC diz o seguinte: “Programa policial, atraso social, quero ver filmar um sarau e transmitir em rede nacional” (MC Dieguin, 2017).

Para Volóchinov (2017), o signo ideológico assume um sentido a depender da situação histórica concreta em que é pronunciado. Por isso, quando o interlocutor é interpelado pelos signos ideológicos presentes nos enunciados do MC Dieguin, ele se orienta a um discurso já dito de que, na periferia, só existe a pobreza e a violência reportadas nas grandes mídias, pois todo dizer é parte de uma discussão cultural axiológica e “ele responde ao já dito, refuta, confirma, antecipa respostas e objeções potenciais” (FARACO, 2009, p. 59). Entendendo, dessa forma, os sentidos do “já dito” entram em confronto, segundo Volóchinov (2017), na chamada arena de lutas, com os sentidos que compõem o discurso do MC acerca da periferia que “**é linda, é bela, não é só desgraça**”, é um lugar de “cultura do gueto”, e que essa cultura é valiosa, é um “artigo de luxo”.

[...] Pesado é a barra, e, no Barra Pesada, minha avó se impregna assistir em família a carnificina passar na telinha, é de noite, é de dia, depois do meio dia. Transmitem a tragédia de várias famílias da periferia. Novato pequeno, cenário veneno, não teve incentivo, só deu audiência pro tal do Nonato, que ganha centavos com noticiário, mostrando o lado infeliz da favela, que é linda, é bela, não é só desgraça! Municiam a bala, faltou a borracha, a caneta, o lápis, também o caderno. O microfone, aqui, é o que me tira do ferro [...] (MC DIEGUIN, 2017).

Na contrapalavra do *rap*, percebemos a denúncia à espetacularização da violência, à repressão policial e à negação de direitos por parte do Estado à população pobre que mora na periferia. No discurso do MC Dieguin, o signo “periferia” é tematizado como uma disputa entre os sentidos dos que mostram o “lado infeliz da favela” e os sentidos dos que defendem que a favela “é linda, é bela, não é só desgraça!”. Nessa perspectiva, os signos ideológicos “periferia” e “favela” são utilizados no *rap Partindo o céu da boca* como sinônimos. Com relação à análise da significação, o signo “periferia”⁶ é apontado pelo dicionário Aulete (2014) como um dos sinônimos de subúrbio, com a seguinte definição: “periferia é região afastada do centro urbano de uma cidade, geralmente habitada por uma população de baixa renda” (AULETE DIGITAL, 2014).

No jogo de linguagem do sarau, a significação é matizada em duas variações temáticas: na primeira variação, os efeitos de sentido do signo “periferia” apontam que a população de baixa renda é vitimizada pelo descaso governamental e é, constantemente, assediada pelos Aparelhos Repressores do Estado: “Municiam a bala, faltou a borracha, a caneta, o lápis, também o caderno”. Ou seja, para o MC, não há investimento em educação, e sim em repressão policial.

Na segunda variação temática, o signo periferia ganha o sentido de lugar da arte e a arte é apresentada como uma forma de resistência à violência urbana, que é articulada no *rap* do *Enquadro Rap*, como violência estrutural: “O microfone, aqui, é o que me tira do ferro”. A partir desse tema, interpretamos que o morador da comunidade é aquele que acredita que a favela “não é só desgraça”. Assim, o sujeito assume uma identidade periférica no sentido de reverter essa característica hegemônica ao dar outro significado a ele, isto é, no sentido de dizer que quem nasce na periferia tem orgulho de ter sido criado nesse território. Tem orgulho de expandir a voz das outras pessoas a partir da prática do *rap*, de expressar demandas e desejos de uma comunidade e, principalmente, tem orgulho por ter uma cultura específica, a cultura periférica. Atentemos para

6 Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/periferia>>. Acesso em: 19 dez. 2017.

o seguinte enunciado do plano verbal citada anteriormente: “o microfone, aqui, é o que me tira do ferro”. Se analisarmos a “significação” em potencial, a partir do Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa Online, o substantivo ferro⁷ significa corpo simples, metal dúctil, maleável e muito tenaz, de cor cinzenta azulada e muito útil na indústria e nas artes. O uso de ferro no *rap* é claramente metonímico, com significação estilística prevista pelo sistema da língua. No entanto, como nos mostra Volóchinov (2017), a significação é apenas uma possibilidade de significar no interior de um tema concreto. Desse modo, é a análise do tema que nos permite alcançar os sentidos conforme o seu uso nas práticas culturais específicas, vistas pela Pragmática Cultural como jogos de linguagem (ALENCAR, 2014b).

Nessa acepção, refletindo sobre o contexto de produção e recepção da metonímia, o MC faz uso de uma figura de linguagem, a metonímia, ao enunciar a palavra “ferro” em vez de “revólver”, utilizado nos jogos de linguagem do *rap* como antônimo de “microfone”. O signo ideológico metonímico “ferro” é, pois, utilizado como metáfora da violência, da entrada no mundo do crime, que é apresentada no discurso hegemônico como própria da juventude da periferia. O signo “microfone”, por sua vez, é a metáfora da voz da juventude na prática cultural do *rap*.

Desse modo, compreendemos que as difíceis condições de sobrevivência na comunidade facilitam a entrada dos jovens no cenário da criminalidade, o “cenário veneno” nas palavras do MC Dieguin. Então, o que faz com que o jovem *rapper* resista é a possibilidade de agir no mundo por meio da prática do *rap*, fazendo ecoar as vozes que refletem a insatisfação do modo de vida de grande parcela da população desfavorecida.

Em síntese, vemos que o MC Dieguin atua como um agente de letramento ao construir seu discurso com argumentos que funcionam como uma forma de reexistir à dominação dos programas policiais e dos telejornais: por meio da palavra, do estudo, da informação e da organização de uma revolta popular quando canta que “a parada é estudar, se informar, se organizar, para construirmos a revolta popular, para tirarmos do ar apresentadores sem futuro que não direcionam suas câmeras para cultura do gueto que é artigo de luxo”. Assim, o MC não só nos conta as histórias vividas em seu território, como dá conselhos e estabelece ações ou caminhos a serem percorridos por meio da poesia rimada do *rap*.

Considerações Finais

Neste artigo, a partir do Programa de Extensão Viva a Palavra da UECE, no qual explanamos a respeito na primeira seção, realizamos uma investigação cartográfica do *rap* como prática de letramento de reexistência realizados por sujeitos historicamente situados que nos permitiram entender um pouco do universo da cultura do *rap* na periferia de Fortaleza. O convívio com os jovens periféricos do bairro da Serrinha de Fortaleza, engajados em movimentos socioculturais me fez escrever e cartografar acerca do bairro Serrinha e dos movimentos sociais existentes na comunidade.

Assim, com a chegada ao campo de pesquisa, por meio das minhas primeiras observações ao *corpus* que fundamentei esta investigação. De início tinha apenas o objeto de estudo estabelecido. Eu, como pesquisadora, segui explorando o campo e foi então que, caminhando junto com MC Dieguin, acompanhando a trajetória diária do bairro e do *rapper*, que percebi o dia a dia atordoado desse jovem que se divide entre trabalho, estudo, elaboração de canções, movimentos sociais e a prática do *rap*. Em um dos nossos primeiros diálogos, o MC relatou que suas músicas eram escritas durante o trabalho, na madrugada, ou em qualquer instante “vago”, por isso ele sempre andava com uma caneta e um pedaço de papel no bolso, além de sua inseparável agenda que guardava na mochila. A partir disso, entendi que o agir do *rapper* era letramento de reexistência e, que em suas práticas culturais, emergiam ideologias que estabelecia sentido ao considerarmos o tema e a significação do enunciado concreto, que se materializa nos jogos de linguagem do *rap*.

À vista disso, ao tomarmos os pressupostos do Círculo Bakhtiniano sobre ideologia para o nosso objeto de estudo, constatamos que, diante das ações do *rapper*, os signos ideológicos foram tomando novos sentidos e sendo atualizados, como por exemplo, por um lado a mídia e as grandes massas perpetuam que na periferia só existe violência, tráfico e pobreza. Então, na contra

7 Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/ferro>>. Acesso em: 19 dez. 2017.

mão da hegemonia, o MC Dieguin amplia ideologias que constitui seus enunciados concretos ao se estabelecerem como contrapalavra ao anunciar que na periferia existe muita cultura, através da pintura, da leitura, do desenho, da música, do *rap*, do rock e do reggae; muita luta por melhores condições de vida por meio da prática de sarau, batalhas e oficinas; muita resistência ao seguir em oposição à hegemonia, buscando e acreditando em seus sonhos, desejos e anseios.

Nesse ponto de vista, os signos ideológicos das práticas culturais do coletivo juvenil *Enquadro Rap*, sobretudo do MC Dieguin, nos demonstraram que significa uma contestação subalterna à violência excludente imposta pela colonialidade do poder, rompendo fronteiras posta por aparelhos repressores do estado, existente principalmente nas periferias de Fortaleza, com ênfase no bairro da Serrinha, local em que o *rapper* reside e que se situa o Campus da UECE.

A tematização do signo ideológico periferia produzida nos enunciados concretos do MC se revela em uma forma de vida de reexistência juvenil nas práticas de letramento do *rapper*, ao recorrer às ações contra-hegemônicas que superam e descontrolam os processos de dominação, ao tornar visíveis as periferias tidas como “cidades invisíveis” (ALENCAR, 2014a) pelo estado, se matizando como um espaço embebido de novos sentidos, e não só de sentidos já prontos estereotipados, mas um lugar em que emerge a produção de sentidos pautados no saber mediado pela práxis.

Nesse sentido, no discurso do MC Dieguin o signo “periferia” é tematizado como uma disputa entre os sentidos dos que demonstram o “lado infeliz da favela” e os sentidos dos que defendem que a favela “é linda, é bela, não é só desgraça. É artigo de luxo”. Então, entendemos a prática do *rap* como uma forma de vida do movimento social militante. E a batalha, o sarau e as oficinas, realizados pelos jovens militantes, como um jogo de linguagem que compõe essa forma de vida. Afinal, os sujeitos fazem uso da linguagem para lutar realizando suas ações que são constituídas de recorrências como; performance corporal intensa de movimentos rápidos e corpos situados um de frente para o outro, referenciando o significado de embate e luta, e, discursos embebidos de denúncias sociais e rimas que narram as vivências dos sujeitos da periferia.

Referências

ALENCAR, Claudiana Nogueira. Projeto de pesquisa: **Programa Viva a Palavra circuitos de linguagem, paz e resistência da juventude negra na periferia de Fortaleza**. Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2014a, 37p.

ALENCAR, Claudiana Nogueira. Pragmática Cultural: uma visada antropológica sobre os jogos de linguagem. In: SILVA, Daniel e; FERREIRA, Dina Martins; ALENCAR, Claudiana. **Nova pragmática: modos de fazer**. São Paulo: Cortez, 2014b, (no prelo).

ALENCAR, Claudiana Nogueira. Pragmática cultural: uma proposta de pesquisa-intervenção nos estudos críticos da linguagem. **Discurso: sentidos e ação**, v. 10, p. 141-162, 2015. Disponível em: <<http://www.unifran.edu.br/wpcontent/uploads/2016/09/vers%C3%A3o-online-Cole%C3%A7%C3%A3oMestrado-em-Lingu%C3%ADstica-Vol.-10.pdf>>. Acesso em: 05 jul. 2017.

ALENCAR, Claudiana Nogueira; COSTA, Maria de Fátima Vasconcelos da; COSTA, Nelson Barros da (Orgs.). **Discurso, fronteiras e hibridismo**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2017.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. São Paulo: Editora da UNESP, 1988.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

BRAIT, Beth. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: BRAIT, Beth. (Org.). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas: Unicamp, 1997. p. 91-104.

BRAIT, Beth. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, Beth. (Org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2014.

EBLE, Taís Aline; LAMAR, Adolfo Ramos. A literatura marginal/periférica: cultura híbrida, contra-hegemônica e a identidade cultural periférica. **Especiaria Cadernos de Ciências Humanas**, 2015, v. 16, n. 27, p. 193-212, jul./dez. 2015.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2009.

Google Drive plataforma de armazenamento. Fortaleza: Ceará, 2018. Disponível em:< https://drive.google.com/drive/folders/1AjFFQPem-taByPW44QzI8QeZHuCHU_Dtg?usp=sharing>. Acesso em: 10 nov. 2018.

Google Drive plataforma de armazenamento. Fortaleza: Ceará, 2018. Disponível em:<https://drive.google.com/drive/folders/1vvrY0_aK5nIrfiwGZ_9_i9wGqjxwauqT?usp=sharing>. Acesso em: 10 nov. 2018.

KLEIMAN, Angela. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. São Paulo: Mercado de Letras, 1995.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Por uma Linguística INdisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SILVA, Fransuellen Geremias. Saraus contemporâneos: a importância dos saraus como espaço político de socialização. **Cadernos Cespuc**, Belo Horizonte, n. 29, p.150-167, 2016.

SOARES, Magda Becker. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramentos de reexistência: culturas e identidades no movimento hip-hop**. 2009. 219f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/269280/1/Souza_AnaLuciaSilva_D.pdf>. Acesso em: 11 mai. 2018.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramentos de reexistência: poesia, grafite, música, dança: Hip-Hop**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. Linguagem e Letramentos de Reexistência: exercícios para reeducação das relações raciais na escola. **Linguagem em foco: Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UECE**, v. 8, n. 2, p. 67-76, 2016. Disponível em: <<http://www.uece.br/linguagememfoco/index.php/edicao-atual/43577-2016>>. Acesso em: 29 de ago. 2017.

STREET, Brian Vicent. **Literacy in theory and practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem:** problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Editora 34, 2017.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações Filosóficas.** São Paulo: Nova Cultural, 1999.

Recebido em 27 de maio de 2019.

Aceito em 23 de agosto de 2019.